

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CRISTIANO GONÇALVES MATOS

**LITERATURA INFANTO-JUVENIL E CENSURA
CONSEQUENCIAS DO PÓS-GOLPE**



MATINHOS-PR

2021

CRISTIANO GONÇALVES MATOS

**LITERATURA INFANTO-JUVENIL E CENSURA
CONSEQUENCIAS DO PÓS-GOLPE**

TCC apresentado ao curso de Licenciatura em Linguagem e Comunicação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Linguagem e Comunicação.

Orientador: **Prof. Dr. Fábio Messa**

MATINHOS-PR

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

CRISTIANO GONÇALVES MATOS

LITERATURA INFANTO-JUVENIL E CENSURA CONSEQUENCIAS DO PÓS-GOLPE

TCC apresentado ao curso de Licenciatura em Linguagem e Comunicação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Linguagem e Comunicação.

Prof(a). Dr. Fábio de Carvalho Messa

Orientador(a) – Linguagem e Comunicação - Setor Litoral, UFPR

Prof(a). Dr(a). Cristina Cardoso

Membro – Linguagem e Comunicação – Setor Litoral, UFPR

Matinhos, 16 de dezembro de 2021.

RESUMO

Este trabalho pretende verificar os equívocos de leitura e interpretação sobre textos infanto-juvenis - *A Semente do Nicolau*, de Chico Alencar; *Meninos Sem Pátria*, de Luiz Puntel; e *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes - que protagonizaram polêmicas e/ou conflitos no contexto escolar, no período da eleição do novo presidente do Brasil em 2018. A partir da seleção dessas manifestações, passamos à etapa de tentativa de compreensão do material produzido nas mídias (impressas e digitais) sobre as polêmicas envolvendo essas obras. Para isso foi preciso realizar uma leitura analítica integral das obras envolvidas para, então, contrastar com os enunciados das matérias geradas. Delimitamos, também, os temas que foram evidenciados como: doutrinação, comunismo, gênero e ideologia. Procuramos uma fundamentação para essas concepções, a fim de desfazer equívocos e banalizações. Mostramos, portanto, que as polêmicas são infundadas e que as obras têm muitas características interessantes e significativas para fins paradidáticos.

Palavras-chave: censura; literatura infanto-juvenil; golpe.

ABSTRACT

This work intends to verify the misunderstandings of reading and interpretation about children's texts - *A Semente do Nicolau*, by Chico Alencar; *Meninos Sem Pátria*, by Luiz Puntel; and *A Bolsa Amarela*, by Lygia Bojunga Nunes - which led to controversies and/or conflicts in the school context, in the period of the election of the new president of Brazil in 2018. In the media (print and digital) about the controversies involving these works. For this, it was necessary to carry out an integral analytical reading of the books involved to, then, contrast with the statements of the generated materials. We also delimited the themes that were highlighted as: indoctrination, communism, gender and ideology. We seek a foundation for these conceptions, in order to undo misunderstandings and trivializations. We show, therefore, that the polemics are unfounded and that the books have many interesting and significant characteristics for paradidactic purposes.

Key-Words: censorship; children's literature; blow.

“É difícil aprisionar os que têm asas.”

Caio Fernando Abreu

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	JUSTIFICATIVA.....	17
1.2	OBJETIVOS.....	17
1.2.1	Objetivo geral.....	17
1.2.2	Objetivos específicos.....	18
1.3	METODOLOGIA.....	18
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	19
2.1	QUESTÕES DE GÊNERO – EQUÍVOCOS E DISTORÇÕES.....	
	Error! Bookmark not defined.	
2.2	CONCEPÇÃO DE COMUNISMO.....	28
3	DESMISTIFICANDO A POLÊMICA DOS LIVROS.....	
	Error! Bookmark not defined.	
3.1.	PAPAI NOEL REPRIMIDO.....	29
3.2.	O APAGAMENTO DA HISTÓRIA DA REPRESSÃO.....	36
3.3.	NOSSA BOLSA JAMAIS SERÁ AMARELA!.....	44
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
5.	REFERÊNCIAS.....	50
6.	BIBLIOGRAFIA.....	52

1 INTRODUÇÃO

No final de 2018 uma escola particular de Brasília-DF decidiu excluir da lista de materiais escolares o livro infantil *A Semente do Nicolau*, após sofrer pressão de pais de alunos, que protestaram após descobrirem que a obra era de autoria do então deputado federal Chico Alencar, filiado ao PSOL, do Rio de Janeiro.

O livro conta, por meio de um conto de Natal, a lenda do Papai Noel e como as crianças podem aprender valores relacionados à solidariedade, espírito natalino e respeito aos idosos. “Sectarismo autoritário estimulado pelo tal ‘Escola sem Partido’, sem reflexão crítica, sem solidariedade, com mordação, sem Natal”, afirmou o parlamentar e autor da obra.

Também no final de 2018, a imprensa eletrônica noticiou que o Santo Agostinho, famoso colégio católico, um dos mais caros da cidade do Rio de Janeiro, censurou o livro *Meninos Sem Pátria*, de Luiz Puntel, por supostamente ‘doutrinar crianças com ideologia comunista’, promovendo um ‘discurso esquerdopata’ entre os alunos.

Em agosto de 2019, o vereador Clayton Silva (PSC), da cidade de Limeira, interior de São Paulo, foi às redes sociais criticar um livro usado pela rede municipal de educação. Segundo o parlamentar, o livro *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, aborda ideologia de gênero e, por isso, fez um requerimento à Secretaria Municipal da Educação, questionando o uso e a distribuição do material, que estaria sendo usado por professores para estudos com alunos de 10 a 11 anos.

“O governo vira as costas para a vontade da população e investe contra nossas crianças e contra a família”, declarou o vereador, apontando que ele foi procurado por mães de alunos se disseram “perdidas e pedem ajuda contra essa afronta a sua moral”. No requerimento, ele queria saber sobre as escolas que receberam o livro, quais atividades realizadas, se o conteúdo faz parte do estabelecido pelo Plano Municipal de Educação (PME) e qual investimento para compra e distribuição. Clayton questionou se a Secretaria tem conhecimento de “que o conteúdo do livro afronta os princípios morais dos pais dos alunos”.

Com base nestes antecedentes, sobre estas polêmicas geradas em torno destes três títulos da literatura infanto-juvenil – *A Semente de Nicolau*, *Meninos sem Pátria* e *A Bolsa Amarela*, resolveu-se fazer este TCC.

Juntando as informações contidas nestes registros polêmicos divulgados principalmente em sites e redes sociais, reunindo estes livros evidenciados para uma leitura analítica, e ainda cercado-se de alguns tópicos teóricos pertinentes, construiu-se o percurso deste trabalho.

1.1 JUSTIFICATIVA

Foi conveniente averiguar o conteúdo dos livros que foram reprimidos/censurados, para poder verificar a validade das declarações feitas contra eles. Presume-se que foram equívocos de leitura, se é que houve, de fato, a leitura dos livros, para se ter formulado tão rapidamente juízos a respeito.

Portanto, pensou-se em dissertar sobre este tema para satisfazer uma necessidade individual e ao mesmo tempo promover uma pauta emergencial de combate ao moralismo e ao conservadorismo, que têm nos oprimido desde o golpe de 2016 no Brasil.

É fácil reconhecer que muitas ideias retrógradas sobre vários temas voltaram às pautas jornalísticas, justamente depois do golpe de 2016. No momento em que o novo governo assumiu em 2019, só legitimou um festival de polêmicas inacreditáveis, como se os tempos dos anos 60 tivessem voltado, de forma menos brutal, mas muito mais banal.

Então nada mais pertinente do que colocarmos em discussão algumas destas repercussões destes factoides para, com isso, contribuímos com um arsenal crítico que sirva de argumento para provarmos que vivemos em tempos sombrios pós-golpe.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Verificar os equívocos de leitura e interpretação sobre textos infanto-juvenis que protagonizaram polêmicas e/ou conflitos no contexto escolar.

1.2.2 Objetivos específicos

Compreender o material produzido nas mídias (impressas e digitais) sobre as polêmicas envolvendo algumas obras infantis.

Realizar a leitura analítica na íntegra das obras envolvidas, para contrastar com as polêmicas evidenciadas.

Mostrar que as polêmicas são infundadas e que as obras polemizadas têm muitas características interessantes e significativas para fins paradigmáticos.

1.3 METODOLOGIA

1 – Reunir as matérias de sites e blogs que retrataram, nas devidas épocas, as polemicas com os seguintes livros: *A Semente do Nicolau*, de Chico Alencar; *Meninos Sem Pátria*, de Luiz Puntel; e *A Bolsa Amarela*, de Ligia Bojunga Nunes;

2 – Realizar leitura crítica dos textos midiáticos sobre as polêmicas;

3 – Delimitar os temas que foram polemizados: doutrinação, comunismo, gênero e ideologia;

4 – Realizar uma leitura minuciosa, analítica e crítica dos três romances infanto juvenis enfatizados;

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Partindo do ponto de que cada polêmica gerada em torno de cada livro se centrou em determinados elementos conceituais – ideologia de gênero, doutrinação comunista e outros subtemas – faremos uma breve explanação para fundamentarmos com mais propriedade.

2.1 QUESTÕES DE GÊNERO – EQUÍVOCOS E DISTORÇÕES

O termo Ideologia de gênero foi inventado, veio à tona no período pré e durante as Eleições de 2018 e muitas pessoas passaram a utilizá-lo. Primeiramente, convém desmembrá-lo. O que é ideologia? O pensador Norberto Bobbio considera que existe um significado “fraco” e um “forte” para ideologia.

O significado fraco diria respeito a um conceito neutro, responsável por organizar um conjunto de valores políticos para assim orientar comportamentos coletivos. Por exemplo, a social-democracia é uma corrente de pensamento político que, entre outras coisas, aceita o capitalismo como sistema econômico vigente, mas busca compensar seus “efeitos colaterais” – como a desigualdade de renda – por meio de políticas públicas. Assim, ao se classificar ideologicamente como um social-democrata, um candidato tende a atrair eleitores que concordam com as ideias defendidas por essa corrente política.

Já o significado forte de ideologia tem um sentido negativo, porque acredita que as noções ideológicas – pautadas no senso comum – são contrárias aos conceitos criados cientificamente. Esse senso comum – que, por ser oposto à ciência, tenderia a ser errôneo – seria construído por uma classe dominante que buscaria criar uma falsa interpretação da realidade na classe dominada.

E o que é gênero? O conceito de gênero é presente no movimento feminista desde os anos 1970 e é entendido não como sexo biológico, mas como as construções sociais baseadas nos sexos biológicos. Por muito tempo pregou-se que os homens eram superiores às mulheres por características biológicas. Essas características não se referiam apenas à força física, por exemplo, mas também afirmavam que homens eram mais inteligentes e éticos. O conceito de gênero então surgiu para contestar isso.

‘Gênero’ não é uma palavra mais bonita para se referir ao sexo biológico, mas um termo que vê essa desigualdade na percepção das capacidades de homens e mulheres como algo socialmente construído.

Ao se falar em ‘questão de gênero’, faz-se referência às atividades culturalmente atribuídas às mulheres – como cuidar da casa e dos filhos – e aos homens – como sustentar financeiramente a família. As teorias feministas explicam que essas ideias são construídas com base nos costumes, não nas capacidades biológicas. Afinal, um homem não é fisicamente incapaz de limpar a casa e nem uma mulher é fisicamente incapaz de trabalhar como engenheira e sustentar financeiramente sua família. (1)

O fato de as expectativas sobre os ‘papéis’ atribuídos a homens e mulheres cisgêneros serem diferentes ao redor do mundo, mudando de cultura para cultura, reforça a teoria feminista de que essas expectativas são construídas socialmente.

Já o termo Cisgênero é utilizado para se referir às pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer, ao contrário das pessoas transexuais. Também falamos mais sobre isso no post sobre orgulho LGBT.

Então, o que é ideologia de gênero?

Acredita-se que o termo ‘ideologia de gênero’ apareceu pela primeira vez em 1998, em uma nota emitida pela Conferência Episcopal do Peru intitulada “Ideologia de gênero: seus perigos e alcances”. O evento nacional que reúne bispos de todo o país é uma tradição da Igreja Católica no mundo inteiro.

Desde seu surgimento, a expressão “ideologia de gênero” carrega um sentido pejorativo (negativo, ofensivo). Por meio dela, setores mais conservadores da sociedade protestam contra atividades que buscam falar sobre a questão de gênero e assuntos relacionados – como sexualidade – nas escolas. As pessoas que concordam com o sentido negativo empregado no termo “ideologia de gênero” geralmente temem que, ao falar sobre as questões mencionadas, a escola vá contra os valores da família.

Dentre esses valores está o medo de que o debate menospreze crenças familiares e gere intolerância religiosa, tanto por parte dos professores quanto de outros colegas. Outro medo é que a ideologia de gênero induza crianças a serem homossexuais ou transexuais. Geralmente tais grupos também discordam da teoria que aponta gênero como sendo socialmente construído e acreditam que o sexo

biológico define tanto o gênero quanto a sexualidade da pessoa. Conseqüentemente, entende-se que a heterossexualidade é o “natural”.

A filósofa Arlene Bacarji define ideologia de gênero como:

“Uma ideologia que atende a interesses políticos e sexuais de determinados grupos, que ensina, nas escolas, para crianças, adolescentes e adultos, que o gênero (o sexo da pessoa) é algo construído pela sociedade e pela cultura, as quais eles acusam de patriarcal, machista e preconceituosa. Ou seja, ninguém nasce homem ou mulher, mas pode escolher o que quer ser. Pois comportamentos e definições do ser homem ou mulher não são coisas dadas pela natureza e pela biologia, mas pela cultura e pela sociedade, segundo a ideologia de gênero.” (2)

Ela afirma que “temos de entender que existem os aspectos biológicos que não podem ser negados, eles são reais e dados. Loucura são as vezes que escapamos da realidade para fazer de nossas fantasias, alucinações e delírios uma realidade”. (3)

Por “fantasias, alucinações e delírios”, a filósofa se refere à ideia defendida por movimentos feministas de que a biologia tem pouca relação com a questão de gênero. Bacarji discorda de que os papéis atribuídos a homens e mulheres são construídos a partir de relações de opressão, resultado de uma cultura machista. Ela ainda questiona “será que um homem pode exercer o papel de mãe? Será que uma mulher pode ter a mesma força física de um homem de forma natural, sem nenhum recurso externo como hormônios masculinos?”. (4)

Bacarji adiciona que “hoje, vivemos a loucura, em que as pessoas fazem de seus delírios uma realidade e ainda querem impô-las aos outros por meio de leis” e demonstra preocupação de que “as crianças e os adolescentes poderão, ingenuamente, crer nisso”. (5)

Ideologia de gênero no Brasil

No Brasil, o termo “ideologia de gênero” ficou famoso quando o Ministério da Educação (MEC) buscou incluir educação sexual, combate às discriminações e promoção da diversidade de gênero e orientações sexuais no Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014. Os últimos dois pontos, no entanto, geraram uma grande reação por parte de grupos conservadores, que não consideravam as pautas sobre questão de gênero apropriadas ao ambiente escolar, e o projeto foi barrado. Após

muitos protestos por parte da população, liderada por grupos religiosos e pelo Escola sem Partido, o PNE foi aprovado sem fazer menção a gênero e orientação sexual.

Nas Eleições de 2018 o termo voltou à tona com as diversas menções que o então candidato Jair Bolsonaro (PSL) fazia ao “kit gay”, nome pejorativo dado ao projeto “Escola sem Homofobia”. Bolsonaro e muitos de seus apoiadores constantemente afirmavam que Fernando Haddad (PT), seu adversário na corrida presidencial, havia distribuído um determinado livro sobre educação sexual a crianças de seis anos. Segundo eles, Haddad teria incluído a obra no projeto “Escola sem Homofobia” enquanto era ministro da educação, entre 2005 e 2012. Posteriormente, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decretou a afirmação como Fake News, isto é, como uma informação falsa e proibiu que a campanha de Bolsonaro usasse o termo “kit gay” para atacar Haddad.

Mesmo assim, a história do “kit gay” levantou novamente a questão de gênero. O pesquisador Rogério Diniz Junqueira vê a propagação das Fake News relacionadas à utilização do termo “ideologia de gênero” como uma maneira de assustar a sociedade. Elas levariam as pessoas a se alinharem com aqueles grupos que também são contra o debate da questão de gênero. Junqueira também ressalta que, mesmo que debates sobre gênero envolvam diversos assuntos, como desigualdade salarial entre homens e mulheres, os pontos lembrados ao acusar um grupo de implementar a ideologia de gênero são sempre mais polêmicos. Ao associar educação sobre questões de gênero a aborto, sexualidade e pedofilia, por exemplo, gera-se um “pânico moral”. (6)

O pesquisador diz que esse “pânico moral possui forte potencial mobilizador e alta capacidade de atrair diferentes atores que nem precisam ser muito conservadores ou preconceituosos, mas que, diante do escândalo fabricado, ficam alarmados”. É assim que alguns grupos transformam certas iniciativas – por exemplo, que busquem ensinar a respeitar a diversidade de orientações sexuais existentes na sociedade – na negativa e perigosa “ideologia de gênero”.

Ideologia de gênero x ensino sobre gênero

Nas palavras de Andressa Pellanda, coordenadora de políticas educacionais da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação, “se chama erroneamente de ‘ideologia de gênero’ qualquer iniciativa que busque debater questões de ordem

de gênero e orientação sexual em escolas, como iniciativas que visam combater as discriminações de gênero ou orientar e conscientizar sobre educação sexual”. Sendo assim, o termo não é reconhecido pelas pessoas que entendem ser importante falar sobre a questão de gênero nas escolas. Essas pessoas falam em “ensino sobre gênero” e outros termos similares. (7)

Os defensores da educação sobre gênero concordam com a teoria feminista de que gênero é socialmente construído e acreditam que falar sobre isso com a população – tanto na escola quanto fora dela – é essencial. A educação sobre gênero seria uma forma de combater desigualdades sociais pautadas na oposição entre “homem e mulher” ou “feminino e masculino” e nos estereótipos sobre sexualidade.

Para esse grupo, mostrar que a ideia de que as mulheres devem ser responsáveis pelo trabalho doméstico é socialmente construída seria uma maneira de reverter a realidade brasileira que leva as mulheres a trabalharem 72% a mais do que os homens em tarefas domésticas. A educação sobre a questão de gênero também busca incentivar o respeito e combater a LGBTfobia. Quanto a isso, Andressa Pellanda também afirma que “relatórios da UNESCO demonstram que a educação sexual não incentiva a atividade sexual e nem o comportamento sexual de risco; também não faz aumentar infecções relacionadas a IST [infecções sexualmente transmissíveis] ou aids”. A educação sexual – geralmente incluída nos debates sobre gênero – seria uma forma de combater o abandono escolar por gravidez precoce, que no Brasil faz com que 75% das adolescentes grávidas não finalizem a educação básica. (8)

Em 2017, outro evento incendiou o debate sobre a questão de gênero. A filósofa e professora da Universidade da Califórnia, Judith Butler, veio para o Brasil participar de um evento sobre democracia e não foi muito bem recebida por alguns cidadãos. Ela é referência nos estudos de gênero e sexualidade e, por isso, cerca de 320 mil pessoas que são contra a chamada ideologia de gênero assinaram uma petição online demonstrando-se desfavoráveis à presença da filósofa no país. Outras centenas de pessoas foram ao aeroporto de Congonhas tanto para hostilizar quando para apoiar a chegada da professora.

O Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual (NEU) da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FespSP) realizou uma pesquisa com os grupos que estavam presentes no aeroporto. Um dos levantamentos feitos pelos pesquisadores consistia em perguntar às pessoas que carregavam cartazes com

frases “não à ideologia de gênero” e afins o que elas queriam dizer. Algumas das respostas foram:

“A ideologia de gênero transmite conceitos totalmente contrários à biologia e à ordem natural das coisas.”

“Eles [defensores da teoria de gênero] querem tirar a autoridade dos pais.”

“Querem acabar com a família tradicional e passar a ideia de que a homossexualidade é cool [descolada], moderna e que a maioria é homossexual. Isso não é verdade.” (9)

Para a coordenadora do NEU, Isabela Oliveira Pereira da Silva, os opositores à Judith Butler compartilham uma “ideia geral de que ideologia de gênero significa ensinar as crianças a ser gays”. Ela ainda destacou que “não existe uma aula desse tipo. Nunca ninguém fez algo parecido com isso”.

A filósofa Judith Butler, após sua visita, escreveu um artigo publicado na Folha de S. Paulo buscando desmentir opiniões populares erradas sobre os estudos da questão de gênero – ou ideologia de gênero, como nomeiam os críticos. Além disso, a pensadora expôs a percepção de que “desde o começo, a oposição à [sua] presença no Brasil esteve envolta em fantasia”. (10)

Quanto à desinformação sobre estudos de gênero – que tendem a levar ao mencionado “pânico moral” –, a Prof^ª Dr^ª Maria Eulina Pessoa de Carvalho, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), busca desmentir algumas dessas visões. A professora ressalta que os estudos sobre a questão de gênero não buscam diminuir ou rechaçar religiões e pessoas religiosas. Ela destaca que ao reconhecer a diversidade de famílias, não se nega a família tradicional e heterossexual. Carvalho ainda cita a Declaração da Diversidade Cultural da UNESCO, de 2001, para reforçar sua visão que dá importâncias às diversidades e liberdades religiosa e cultural.

Quanto à implementação dos estudos sobre gênero nas escolas, a professora do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) da UFSCar, Viviane Melo de Mendonça, afirmou que:

“A educação para a diversidade não é uma doutrinação capaz de converter as pessoas à homossexualidade, como se isso fosse possível. O objetivo é criarmos condições dentro das escolas para que professores e alunos possam aprender e ensinar o convívio com as diferenças que naturalmente existem entre todos.” (11)

Dessa forma, ao tornar a escola um ambiente aberto à reflexão, com respeito às individualidades e à liberdade de expressão, seria construída uma educação “que combata discriminação e preconceitos”, principalmente quanto à violência contra a mulher e LGBTfobia.

Mesmo não necessariamente fazendo uso do termo “ideologia de gênero”, diversas organizações e figuras importantes debatem sobre a questão de gênero na educação.

Desde 1995 a ONU se envolve no assunto. O primeiro marco foi quando, na Conferência sobre as Mulheres, realizada em Pequim, elaborou-se uma orientação para que governos mundiais incorporassem os estudos sobre gênero em seus programas. Por meio da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), a organização internacional recomenda os estudos sobre a questão de gênero como uma importante ferramenta no combate à intolerância. Em seu site, a UNESCO afirma que:

“Para a UNESCO no Brasil não resta dúvida de que a legislação brasileira e os planos de educação devem incorporar perspectivas de educação em sexualidade e gênero. Isso se torna ainda mais importante uma vez que a educação é compreendida como processo de formar cidadãos que respeitem às várias dimensões humanas e sociais sem preconceitos e discriminações.” (12)

Na mesma declaração, a UNESCO reforçou que dentre as 17 metas globais estabelecidas pela ONU e seus Estados-membro para 2030 estão: a garantia de ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes; e a promoção da educação para a igualdade de gênero e os direitos humanos.

Contra a ideologia de gênero

Já uma das principais figuras religiosas do mundo, o Papa Francisco – representante máximo da Igreja Católica – demonstra ver os estudos sobre a questão de gênero como algo perigoso. Ao visitar uma comunidade católica na Geórgia, o papa apontou a ideologia de gênero e o divórcio como formas de ataque na atual “guerra global para destruir o casamento”. O papa ainda acrescentou que essa guerra não é feita “com armas, mas com ideais... temos que nos defender da colonização ideológica”.

Segundo reportagem do G1, o papa já tinha usado o termo “colonização ideológica” anteriormente como forma de denunciar o que ele vê como “tentativas de países ricos de associar auxílio de desenvolvimento à aceitação de políticas sociais como a permissão de casamentos homossexuais e contraceptivos”. (13)

Países como México e Colômbia também se envolveram no acalorado debate sobre ideologia de gênero. Em 2016, deputados mexicanos propuseram que livros didáticos sobre educação sexual fossem queimados. No mesmo ano a população colombiana tomou as ruas para protestar contra a iniciativa do governo de inserir a questão de gênero na educação. Já na Itália, um material chamado “Jogo do Respeito” foi proibido depois que setores conservadores e religiosos da sociedade se mobilizaram contra ele. O conteúdo do jogo questionava os estereótipos de gênero – aquelas características e atividades tradicionalmente conferidas às mulheres ou aos homens – e mostrava, por meio de desenhos, homens passando roupa e mulheres trocando lâmpadas, por exemplo. (14)

A Constituição de 1988 define que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também diz que:

Art. 19. É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral. (15)

Dessa forma, instituem-se os dois espaços de educação das crianças. O primeiro é chamado de educação informal e é proporcionado pela família. É nesse momento que a criança aprende noções de certo e errado, que refletem os valores das pessoas que são responsáveis por ela.

Posteriormente, a criança passa a participar da educação formal ou secundária, a qual acontece no ambiente escolar. Nesse espaço, as crianças são expostas à diversidade cultural e religiosa, por exemplo, e devem aprender a respeitar aqueles que são diferentes de si. (16)

A questão de gênero e a importância do diálogo entre pais e professores

Com isso em mente, é fundamental que exista diálogo e ação conjunta das escolas e das famílias, que devem buscar preparar as crianças para conviver em sociedade. Quanto a essa parceria, a pesquisadora Susan Sheridan, da Universidade de Nebraska-Lincoln, apontou algumas estratégias para fortalecer o vínculo entre família e escola.

Em entrevista ao Centro de Referências em Educação Integral, Sheridan destacou a importância de compreender que o objetivo central da educação é garantir o pleno desenvolvimento dos jovens. Dessa forma, a pesquisadora ressalta que é importante que tanto pais quanto professores parem de buscar culpados por possíveis problemas no ensino. A solução seria entender que ambos os grupos têm papéis complementares a cumprir. Nesse sentido, o diálogo é peça-chave. Pais e professores devem se comunicar não apenas em situações problemáticas – como é o caso da questão de gênero. (17)

Sheridan também destaca que, se existe dificuldade em fazer os pais se envolverem nas atividades escolares, provavelmente existe alguma questão a ser resolvida. A pesquisadora aponta que não é incomum que os pais não sejam compreendidos, e também não compreendam a si mesmos, como parte ativa da educação das crianças depois que elas entram na escola. Para fazer com que os responsáveis se sintam como parceiros essenciais no processo de educação, a escola precisa ouvi-los e buscar entender quais as maneiras de ajudá-los a tornar esse processo o mais proveitoso possível.

Sendo assim, é importante compreender a escola como o lugar onde as crianças saem de seu ambiente familiar para aprender coisas novas. Afinal, dentro da família existe uma tendência de as pessoas compartilharem opiniões semelhantes. É na escola que crianças e adolescentes têm contato com opiniões diversas, muitas vezes contrárias às suas. Esse “choque” de visões não deve ser problemático, mas sim proveitoso, já que por meio dele aprende-se a debater de forma saudável e tolerar os entendimentos dos outros.

Entretanto, para que os jovens compreendam isso, pais e professores devem ser exemplo e manter um diálogo, o que é bastante válido na questão da ideologia de gênero. Ao mesmo tempo que os pais não devem buscar censurar a escola e limitar seus ensinamentos, os profissionais da educação devem ouvir e demonstrar respeito

sobre os diversos valores compartilhados pelas famílias. Só assim será possível parar de apontar dedos e procurar culpados e começar a construir uma educação que forme cidadãos e cidadãs conscientes de seus direitos e deveres e que respeitem o próximo.

2.2. CONCEPÇÃO DE COMUNISMO

Comunismo é uma ideologia política e socioeconômica que propõe uma sociedade igualitária, por meio da abolição da propriedade privada, das classes sociais e do próprio Estado. Embora a ideia de igualdade baseada no fim das classes tenha sido defendida por filósofos desde a antiguidade, o comunismo está associado sobretudo à teoria dos pensadores Friedrich Engels e Karl Marx. (18)

Karl Marx (1818 - 1883) foi um filósofo, economista, sociólogo, historiador e jornalista alemão. Ele escreveu uma série de publicações e dentre elas, duas tiveram grande destaque:

O Manifesto Comunista: criado para orientar a ação dos trabalhadores durante o surgimento dos movimentos operários. A obra, escrita em parceria com Friedrich Engels, definia e dava a conhecer os propósitos da Liga dos Comunistas e clamava pela união de todos os trabalhadores do mundo;

O Capital: conjunto de livros que consistiu na análise crítica do capitalismo, sistema econômico cujos princípios eram totalmente opostos aos do comunismo.

Apenas o primeiro livro da obra foi publicado por Karl Marx ainda em vida. Os demais foram publicações póstumas.

Geralmente o termo comunismo surgia de uma forma contrastiva ao termo Capitalismo. O capitalismo defendia, por exemplo, a existência da propriedade privada e o controle dos bens de produção por parte de proprietários privados e do Estado. Na obra, Karl Marx chamou a atenção para o fato de a força motivadora do capitalismo ser a exploração laboral. Para ele, o fim da divisão da sociedade em diferentes classes sociais, um dos principais ideais do comunismo, só aconteceria quando o capitalismo fosse extinto.

Já Friedrich Engels (1820-1895) foi um cientista social, filósofo, autor e teórico político alemão que foi coautor do **Manifesto Comunista**. Ele também teve uma importância fundamental na elaboração da obra **O Capital**, pois foi quem deu apoio financeiro a Marx para que ele pudesse realizar pesquisas e escrever os livros.

Posteriormente, também foi responsável pela publicação póstuma de alguns dos livros da obra através de notas deixadas Marx. (19)

Hoje o termo ‘comunismo’ está banalizado. O adjetivo ‘comunista’ tem sido utilizado com muita frequência no senso comum da internet. Serviu como forma de xingamento para atacar aos sujeitos críticos, que questionam o sistema vigente, que discordam das agruras do governo, desde o golpe de 2016. A palavra ‘comunismo’ sempre esteve associada erroneamente ao pensamento supostamente de esquerda, no país. A massa retrógrada e conservadora gerou um esvaziamento de sentido do termo. Seu sentido de base não é considerado, e seus sentidos contextuais estão cada vez mais distantes de qualquer significação fundamentada, pois cada vez mais agregam valores expressivos e morais.

Portanto, nessa visão distorcida, doutrinação comunista na escola seria qualquer atitude e/ou ocorrência em que o professor estivesse desenvolvendo estratégias metodológicas para aguçar o senso crítico de seus alunos, independente da disciplina ministrada. A educação tem que ser bancária, os conteúdos despejados, descontextualizados, desprovidos de qualquer senso de questionamento e de possibilidade analítica.

3 DESMISTIFICANDO A POLÊMICA SOBRE OS LIVROS

A seguir sintetizamos e comentamos algumas das matérias publicadas em sites e redes sociais que fizeram a cobertura sobre as polêmicas geradas em torno dos livros. Também caracterizamos um pouco os autores e as obras, destacando alguns aspectos significativos das narrativas, para assim desmontar e invalidar as tais polêmicas

4.1. PAPAÍ NOEL REPRIMIDO

A inclusão – e posterior exclusão – de um livro infantil da lista de material escolar dos alunos do 4º ano do **Colégio Le Petit Galois**, em Brasília-DF, causou divergências entre os pais de alunos da instituição no dia 21/12/2018. O livro *A Semente do Nicolau – Um Conto de Natal* foi retirado do conjunto didático depois de

responsáveis pelas crianças perceberem que o autor da obra era o deputado federal Chico Alencar (PSOL-RJ).

A obra, lançada há mais de 20 anos, fala sobre valores referentes ao Natal e à relação entre idosos e crianças, além de ressaltar a solidariedade entre as pessoas. A história já foi adaptada para peças teatrais e produções televisivas.

“Quando os pais perceberam que a lista incluía um livro cujo autor é do PSOL, começaram a mandar e-mails e até irem à escola para reclamar e saber quais os motivos que levaram o colégio a incluí-lo na lista de material. O Galois decidiu manter a obra na lista, mas, depois, com a pressão, mudaram de ideia e disseram que havia ocorrido um equívoco”, contou um pai de aluno, que preferiu não se identificar por medo de represália. (20)

Uma mãe que discordava da medida, reclamou da postura do colégio, lamentando: “Isso demonstra a que ponto chega a falta de diálogo e a visão de mundo das pessoas. Não há fundamento por parte da escola para a retirada do livro da lista”.

De acordo com a Circular nº 018/2018, distribuída pelo *Le Petit Galois* aos pais por meio eletrônico, o livro “não faz parte da lista de material do 4º ano” e, caso os responsáveis pelas crianças não conseguissem fazer a devolução da obra aos estabelecimentos onde foram adquiridos, a própria escola faria o ressarcimento dos valores pagos. Na internet, o livro é vendido por pouco mais de R\$ 30.

Percebe-se como a escola ficou refém da situação, a ponto de se dispor até mesmo a ressarcir os valores na devolução dos livros.

O autor Chico Alencar também lamentou a decisão do *Le Petit Galois*. Ele acredita que os pais não leram o livro e lembrou ainda de ter passado por episódio de censura semelhante com outro trabalho, nos tempos da ditadura militar.

O deputado comentou o caso em suas redes sociais e disse que já teve outros dois livros censurados, durante a Ditadura Militar (1964-1985). Ele também afirmou que estava disposto a dialogar com os pais que não conheçam a obra.

“Eles agiram mais em razão de quem é o autor do que da obra em si. Se eles não leram, estão em um caminho equivocado. Trago a lenda do Papai Noel e mostro a relação entre as crianças e o idoso. E trabalho com um fundamento essencial do Natal: a solidariedade. É espantoso que pais tomem essa atitude, por serem pessoas possivelmente com nível superior e de bom poder aquisitivo, até pelo fato de matricularem seus filhos em uma escola tão cara”, disse Chico Alencar ao site *Metrópoles*. (21)

A equipe de reportagem do *Metrópolis* procurou tanto a direção quanto a assessoria de imprensa do *Le Petit Galois* em diversas ocasiões. A coordenadora, identificada apenas como Alessandra, disse que não poderia falar porque estava embarcando em um avião. Isso mostra bem o temor que todos tinham das coações feitas pelos pais/clientes da escola. (22)

Oficialmente não houve qualquer menção ao motivo da retirada do livro na nota que consta no site citado. Já a CBN informou que a retirada ocorreu por pressão de alguns pais. Percebe-se que alguns não queriam o livro por causa do autor.

Sobre Escola Sem Partido

Todo este episódio ocorreu num momento em que o Congresso Nacional debatia o tal projeto de lei conhecido como *Escola sem Partido*. A proposta tentava evitar que professores usassem o espaço da sala de aula para ‘doutrinar’ estudantes. Um dos pontos mais controversos, no entanto, era que não ficava claro o que poderia ser enquadrado nesse conceito. O que seria ‘doutrinar’, afinal?

O fundador do movimento **Escola sem Partido**, o procurador de Justiça de São Paulo Miguel Nagib, foi à Câmara dos Deputados, em 6 de dezembro do mesmo ano, pedir que o relator do projeto de lei que recebeu o mesmo nome, deputado Flavinho (PSC-SP), retirasse do texto a proibição para tratar de questões de gênero nas escolas. (23)

Para Nagib, a ciência tinha que ser prioridade na sala de aula, e os assuntos deviam ser tratados dos mais diversos ângulos. “Onde houver mais de um ponto de vista relevante, contemplado pela bibliografia, o aluno tem direito de saber. Não é justo professor suprimir, omitir do estudante, uma perspectiva que tem peso”, alegava ele.

Na Câmara Legislativa, também tramitou uma versão do *Escola sem Partido*, apresentada em 2015. Por lá, os embates eram muito inflamados. A apresentação do projeto de lei que instituía o *Escola sem Censura no Distrito Federal* causou discussões acaloradas entre deputados distritais em 20 de novembro do mesmo ano. De autoria do deputado Chico Vigilante (PT), a matéria foi um contraponto ao *Escola sem Partido*, que ficou em tramitação na Comissão de Educação, Saúde e Cultura.

Segundo o site *Congresso em Foco*, esse livro foi retirado da lista de paradidáticos de uma escola do Distrito Federal. Essa exclusão era atribuída ao

fato de o autor do livro ser o então Deputado Federal Chico Alencar (PSOL-RJ), que não conseguira reeleição nas votações de 2018. (24)

Ao site *Congresso em Foco*, o parlamentar disse que soube do caso por meio de pais que defendiam a leitura da obra em sala de aula. “Sectarismo autoritário estimulado pelo tal ‘Escola sem Partido’, sem reflexão crítica, sem solidariedade, com mordaza, sem Natal”, afirmou.

Vale complementar que o autor, Francisco Rodrigues de Alencar Filho (Chico Alencar), é formado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professor de História, mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), atuou como parlamentar pelo PT-RJ por vários mandatos e atualmente é filiado ao PSOL-RJ. É autor de mais de vinte livros. (25)

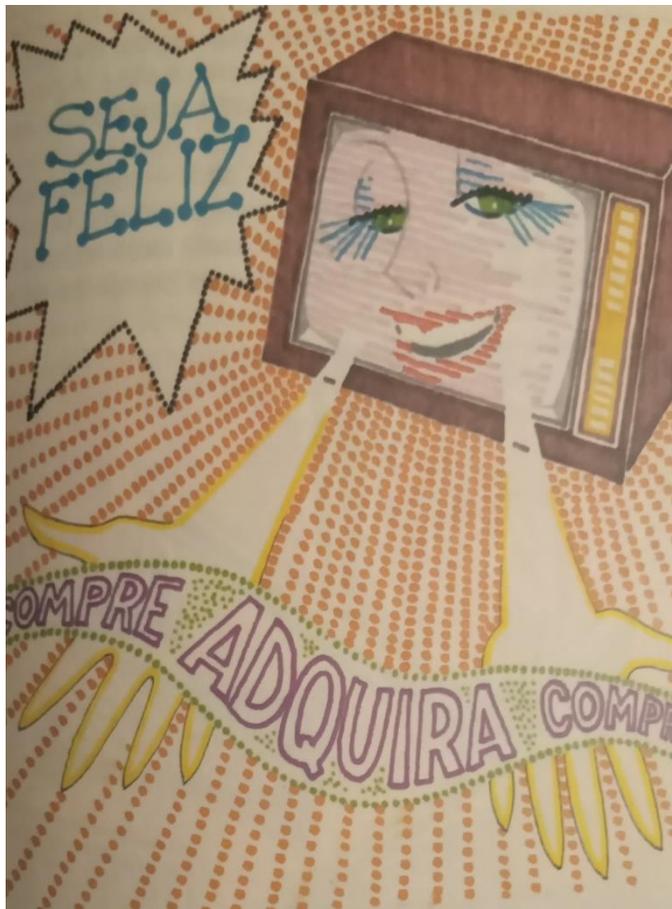
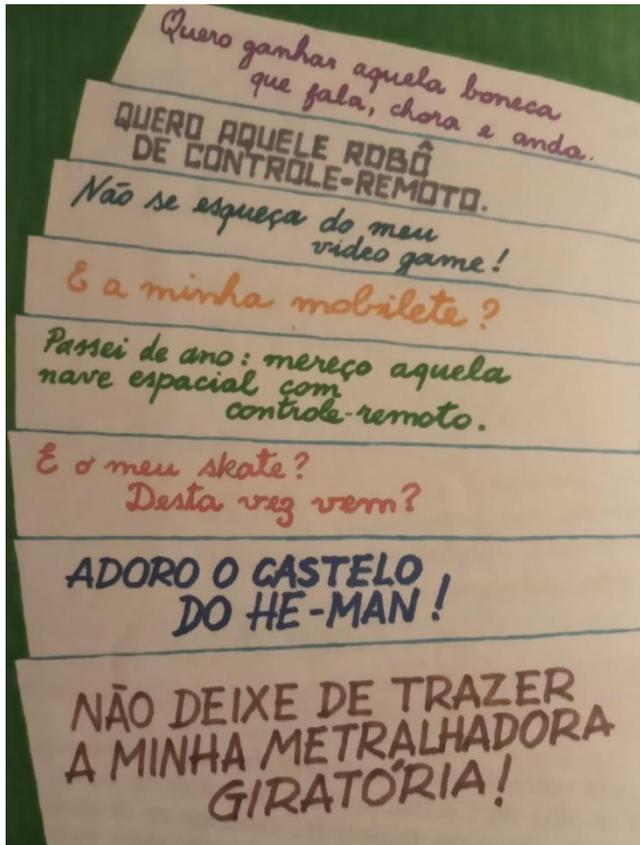
Lendo com atenção o livro de Chico Alencar, vai sendo possível desmistificar completamente essas polêmicas. A narrativa fala sobre a distribuição de presentes no contexto natalino, o desequilíbrio entre o consumismo exagerado e as pessoas carentes. A mensagem do livro é a de questionar a lenda que cerca o Papai Noel.

Seria interessante pensar naquele dito popular ‘nunca julgue um livro pela capa’. Talvez fosse até melhor acrescentar uma outra expressão: ‘nem pelo autor’. Muitas pessoas leem livros apenas por causa do título impactante ou por terem sido escritos por alguma celebridade. Às vezes, alguns livros são deixados de lado não pela riqueza de vocabulário ou complexidade de ideias apresentadas, mas por causa do título ou por causa do autor.

O livro *A Semente do Nicolau – Um conto de Natal* conta a história de Lulu e Bié, ao conhecerem o velho Nicolau, que representa a figura tradicional do Papai Noel. Ele conta sua história e diz que o importante é preservar o real sentido da festa natalina. O livro discute, por meio de uma estrutura de conto de Natal, a lenda do Papai Noel e como as crianças podem aprender valores relacionados à solidariedade, espírito natalino e respeito aos idosos.

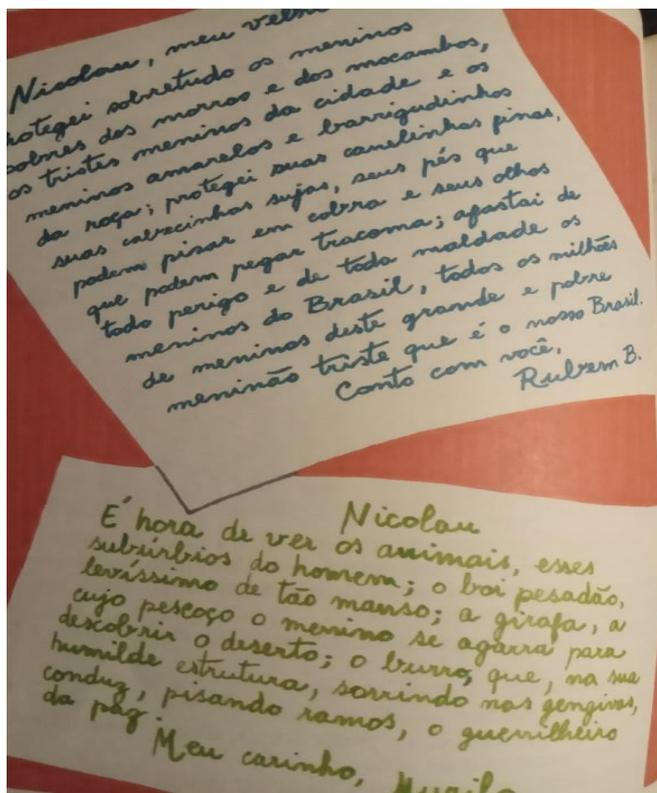
Tudo começou quando Lulu e Bié deixaram cair a bola, com a qual brincavam, na casa do velho Nicolau. Ao buscá-la, descobriram uma pessoa encantadora, que só queria tratar bem as pessoas. A bola quebrou um vaso, mas Nicolau só se importou com a sementinha que estava plantada nele. (26)

Lá pelas tantas, na narrativa, Nicolau mostra a Lucia e Gabriel exemplos de cartinhas de Natal que só continham pedidos e evidenciavam apenas o consumo desenfreado:





Logo mais, de uma forma bem didática, ele mostra um outro tipo de cartinha, que continham verdadeiras mensagens como:



Nicolau

O pão!
 O pão para todas as povas
 e com ele o que possui
 forma e sabor de pão
 repartiremos:
 a terra, a beleza, o amor,
 tudo isso tem sabor de pão,
 forma de pão,
 germinação de farinha.
 Tudo nasceu para ser compartilhado,
 para ser entregue,
 para se multiplicar.

Pablo

Amigo velho
 Como o tempo, que não para
 a gente aprende que o passado

Nicolau

Não vi a estrela falada,
 mas vi que Deus era pobre.
 Maria estava acordada e estava
 acordada a Noite e estava
 desacordado para sempre
 o rei Herodes.

Felicidades,
 Pedro

Nicolau

Sei que você já rodou o mundo.
 Mas talvez não conheça a Ilha
 do Nanja. Lá é assim: as crianças
 brincam com pedrinhas, areia, formigas:
 não sabem que há pistolas, armas
 nucleares, bombas de 200 megatons.
 Se houberem disso, choravam. E tudo
 é muito mais maravilhoso, em sua
 ingenuidade. Os mortos vêm cantar
 com os vivos, nas grandes festas.
 Este mundo e todos os outros são
 uma coisa só.
 Um dia a gente vai lá!

Cecilia

Nicolau, na verdade, representava a figura tradicional do Papai Noel. Nas conversas com Lulu e Bié, ele mostrou o desequilíbrio entre o consumismo exagerado e as pessoas carentes. E como prova da sua generosidade, na noite de Natal, ofereceu sua casa para um casal pobre que tinha um filho recém-nascido. E do belo cipreste que Nicolau plantou em seu jardim foram tirados os raminhos que, colocados nas casas todo final de ano ou quando nascia uma criança, representam o início de uma nova vida. (27)

Portanto, é inevitável se pensar que o livro não foi efetivamente lido por nenhuma dessas pessoas que o criticaram. Ou seja, os pais dos alunos não leram coisa alguma e também evitaram que seus filhos lessem essa história que tem muito a acrescentar. A grande lição do livro é sobre a desmistificação da cultura do consumo no Natal, a recuperação dos afetos, o resgate dos desejos mais simples. E isso não é doutrina comunista.

4.2. O APAGAMENTO DA HISTÓRIA DA REPRESSÃO

Em 2018 o livro *Meninos Sem Pátria*, de Luiz Puntel, foi envolvido numa grande polémica, pois foi censurado pela unidade Leblon do **Colégio Santo Agostinho**, no Rio de Janeiro, após um grupo de pais terem pressionado a instituição a excluí-lo da lista de leitura obrigatória dos alunos do 6º ano. A alegação era de que o livro estaria doutrinando as crianças com ideologia comunista e promovendo o discurso de esquerda. O fato é que de comunista este livro nada tem. E este conceito atribuído é a prova da falta de conhecimento e de desligamento cultural desta fatia de público. (28)

Meninos Sem Pátria não levanta bandeira alguma, nem posições políticas. Apenas revela de uma forma leve e sutil ao público a realidade vivenciada pelos exilados na época da ditadura militar. O que existe de pano de fundo é o lamentável capítulo da história política do Brasil. Mas parece que este público que o rechaçou nem se deu conta de que o livro é uma obra ficcional, escrita há mais de 30 anos, publicada pela Série Vaga-Lume, e que dispõe de uma comovente e didática narrativa que pode sim estimular o senso crítico dos leitores. Só que certamente esse resultado não seria de interesse destes pais que geram histeria e que mostram que estão claramente doutrinados com conceitos políticos conservadores.

Provavelmente se os filhos desses mesmos pais tivessem lido o livro, não iriam digerir com tanta facilidade essa fabula muito defendida no meio militar e conservador de que o que houve em 1964 foi uma revolução, e não um golpe, para afastar a 'ameaça comunista' do país. E qualquer livro crítico de História do Brasil pode mostrar que houve sim um golpe de estado, um atentado contra a democracia que por duas décadas vigorou no país. Consequentemente, deixariam de acreditar na fantasia de que nos anos de chumbo somente os 'subversivos e bandidos' tinham o que temer, pois naquela época toda pessoa que não seguia corretamente a cartilha dos militares seria alvo de perseguição, podendo ser preso, torturado ou morto.

Portanto, o livro serve para lembrar ao leitor de que a data de 31 de março de 1964 não é uma data a ser celebrada, mas sim encarada como um lembrete de que ditadura de nenhum formato é benéfica para um país, e que nenhum regime coerente se baseia na suspensão de direitos civis, na repressão à liberdade de expressão e na censura aos meios de comunicação, e que isso poderia resultar em algo positivo e produtivo para uma sociedade.

A verdade é que lendo o livro *Meninos Sem Pátria*, percebe-se que mostra a vida de crianças e jovens que foram obrigadas pelas forças políticas repressivas nos anos da ditadura a abandonarem junto com a sua família a sua pátria crescendo em outros países longe das suas raízes.

A obra é baseada na história do jornalista Jose Maria Rabelo que viveu 16 anos em exílio com a família, passando pela Bolívia, Chile, chegando até a França. O escritor Luiz Puntel preservou a identidade do jornalista (Zé Maria), da esposa (Tereza) e do filho mais novo (Ricardo), para desenvolver uma história ficcional ambientada nos mesmos países por onde o jornalista e família pediram asilo durante o exílio. (29)

Neste período o Brasil vivia numa ditadura militar iniciada em 31 de março de 1964, um golpe de estado que derrubou o governo de Joao Goulart, presidente eleito democraticamente em 1960. A partir desse acontecimento o governo militar ficou por 21 anos limitando direitos através de decretos chamados Atos Institucionais, que tiveram seu apogeu com a edição do AI5.

Em dezembro de 1968, fechou-se o congresso nacional, houve a perda de mandatos políticos, suspensão de garantias constitucionais, além de institucionalizar a tortura como instrumento de estado, a censura aos meios de comunicação, e o exílio daqueles que eram opositores ao governo.

O AI5 vingou por 10 anos e foi sendo revogado junto com os demais editais pela emenda constitucional número 11, de 1978, que permitiu a reabertura política do país e posteriormente o retorno dos exilados políticos ao Brasil, a partir de 1979.

É em cima deste contexto que se desenvolve a trama do livro *Meninos Sem Pátria*. Num ambiente histórico entre os anos de 1970 e 1979, a história acompanha as dificuldades enfrentadas pela família de Zé Maria desde que precisou fugir às pressas para a Bolívia, com a mulher e os filhos, indo para o Peru, depois para o Chile e fixando-se na França, até o retorno ao Brasil após a Anistia.

O livro é narrado em *flashback* na primeira pessoa pelo ponto de vista de Marcos, filho mais velho da família. Tem uma linguagem simples e direta. Luiz Puntel revisita então este período da ditadura militar, levando o leitor a vivenciar pela perspectiva do narrador a condição de exilado político. O foco é nos dramas de crianças e adolescentes, filhos de exilados, que saíram jovens de lá, muitos até mesmo crianças pequenas, outros até nasceram em outros países, crescendo sem conhecer a cultura os costumes, nem o hino nacional brasileiro, como se vê num dos capítulos. O livro também explora os efeitos traumáticos que essa experiência produziu no âmbito psicológico dessas crianças e adolescentes, tornando-as com fobias e paranoias.

Há um trecho que ilustra essa questão, num diálogo de Marcão com Pierre após uma situação de brincadeira com um caixinha de choque eles comentaram:

“Não tenho certeza, Pierre, mas acho que isso deve ter trazido lembranças ruins a Sarah, pois o pai dela quando preso acabou tomando choque.” E Pierre:

“Cada um de vocês tem um trauma, você me contou que tem medo de soldados a Sarah tem esse problema, contaram-me que Mariana gosta de ir a Horney ficar vendo os aviões de brasileiros decolarem”. (30)



Mesmo sendo uma obra ficcional, traz fortes raízes na realidade, resultado de um excelente trabalho de pesquisa realizado pelo autor que inseriu na trama fatos históricos contemporâneos, como por exemplo a morte do jornalista Vladimir Herzog, que preso, torturado e morto nas dependências de um quartel do exército. Essa notícia teve grande repercussão nos meios de comunicações internacionais.

O livro também expõe a total falta de escrúpulo dos agentes da ditadura que, sem o menor pudor, praticavam o terror psicológico até mesmo contra crianças, com o objetivo de desestruturar os pais, que normalmente eram alvo de suas ameaças.

É por esses detalhes que a obra é potente e madura, e que consegue envolver e despertar a empatia do leitor diante do drama de pessoas que podem até terem sido fruto da imaginação de Luiz Puntel, mas que no final representam não apenas a família de José Maria Rabelo como também diversas outras pessoas reais forçadas a viverem vidas provisórias fora do Brasil, vidas rompidas pelo não pertencimento a lugar nenhum. É um tipo de livro que algum leitor pode até terminar com os olhos cheios de água, por ter momentos emocionantes.



O escritor Luiz Puntel não imaginava que, 37 anos depois, a obra seria suspensa de uma escola por conta de um motim familiar. O motivo: um grupo de pais considerou o livro nocivo por considerarem a história uma apologia ao comunismo.

Em sua 23ª edição, o livro foi publicado pela editora Ática, e é um dos títulos mais vendidos da clássica Coleção Vaga-Lume, que exerceu importante papel na formação de leitores nas décadas de 80 e 90. Parece que depois dessa polêmica mal fundamentada, o livro se consagrou ainda mais, porque tudo o que é proibido torna-se mais atraente e procurado.

O enredo de *Meninos Sem Pátria* enfoca a história de uma família que se vê obrigada a deixar o Brasil após a redação do jornal em que o pai trabalha ser invadida.

Em exílio no Chile, o pai, a mãe e seus sete filhos, vivenciam o regime do ditador Augusto Pinochet.

Nascido em Guaxupé, em Minas Gerais, Luiz Puntel é autor de uma série de livros da Coleção Vaga-Lume, como *Açúcar Amargo*, *Dinheiro do Céu*, *Deus Me Livre* e *O Grito do Hip Hop*, indicado ao Prêmio Jabuti em 2005.

Procurado pela imprensa, o autor afirmou ao jornalista Fernando Molica que nunca teve problemas anteriores com o livro, que é adotado em escolas há mais de 40 anos. (31)

Nas redes sociais, a história circulou com força, em 03/10/2018, sob as mais diversas perspectivas. Na página *Alerta Ipanema*, uma postagem afirma que o livro incita à ideologia comunista.

“Bom dia. Os pais do 6 ano do CSA (Colégio Santo Agostinho) estão indignados com o livro que a escola mandou ler no 4o bimestre. ‘Meninos sem pátria’ conta a história de um jornalista que vive exilado com a família durante o regime militar e mediante a aventura, o livro critica governos militares enaltecendo a ótica de esquerda.” (32)

O cenário literário infantil e juvenil viveu recentemente alguns casos parecidos. Em setembro deste ano, o livro “O menino que espiava pra dentro”, de Ana Maria Machado foi acusado de fazer apologia ao suicídio. (33)

De outro lado, editores, escritores e educadores se posicionaram contrários à ofensiva contra o livro. Uma rápida busca nas redes e plataformas pelo nome do autor ou pelo título do livro leva a centenas de resultados de declarações lamentando a postura tanto dos pais quanto da escola.

O site *Lunetas* procurou o Colégio Santo Agostinho, que não estava reportando à imprensa sobre o assunto e, por telefone, a secretaria do colégio respondeu que o posicionamento oficial, por enquanto, é responder somente aos pais dos alunos

Ivan Zigg, multiartista e compositor, já ilustrou cerca de 90 livros infantis. Em entrevista ao *Lunetas*, ele lamenta o silêncio da escola sobre a questão, e pontua a importância de as pessoas de organizarem enquanto sociedade civil para fazer valer os direitos da liberdade de expressão e pensamento crítico que a arte como linguagem pressupõe. (34)

“Estamos vivendo uma onda conservadora, e com a ajuda das redes isso tomou uma proporção muito grande. (...) Existem até hoje no YouTube uma série de postagens extensas que são pregações de pessoas ligadas à bancada da Bíblia, com uma

lista de livros proibidos. Um deles é o *Aparelho Sexual e Cia*, da francesa Helene Bruller, que [Jair] Bolsonaro citou recentemente; é um livro fantástico, que meu filho leu recentemente. (...) Eu atribuo tudo isso à ignorância, as pessoas acabam sendo capturadas pela falta de informação. (...) A literatura é alvo disso porque a arte é alvo disso. Nós que somos artistas estamos na linha de frente, e estamos na luta para rechaçar isso tudo”. (35)

“Tenho vários amigos do [Colégio] Santo Agostinho, é um colégio não só tradicional, mas avançado e importante para a educação do Rio de Janeiro, e propositivo em muitos pontos. Eu duvido que a direção deixe de se posicionar sobre o assunto em algum momento. Temos que pressionar e exigir para que isso aconteça, pois eles não podem deixar de responder. Há escolas que só voltam atrás diante de pressão”

Na página da escola no Facebook (36), há dezenas de comentários contrários à situação. Nas últimas postagens recentes na *fanpage*, ex-alunos e profissionais do meio da educação e literatura aproveitaram o espaço para criticar a postura da escola, alegando que a suspensão deve ser encarada como censura.

“Uma vergonha e um retrocesso para o país essa censura. A nossa História precisa ser contada de forma verdadeira, sem disfarces”, comentou a produtora cultural Suzi Soares. (37)

A repercussão na página chegou inclusive aos próprios envolvidos diretamente na trama do livro, que foi inspirado em uma história real, o exílio vivido pela família Rabelo. “Estou disposto a ir até a escola para conversar com os professores e explicar melhor a nossa história, e o que sofremos no exílio”, comentou Ricardo Rabelo, ele próprio um dos personagens da obra de Luiz Puntel. (38)

Pedro Ernesto Baptista Montagna, ex-aluno do Colégio Santo Agostinho, relembrou a liberdade de expressão que vivenciou, mesmo em meio ao regime ditatorial.

“Estudei lá na época da ditadura e NUNCA aconteceu isso. Lamentável! Escrevíamos frases de filósofos e pessoas de esquerda na parede preta das salas do terceiro ano sem problema algum. É estarrecedor que pais imponham uma pré-censura que nem nos anos de chumbo existiu”, conta.

Cris Pacanowski, diretora da Pipa Agência de Conteúdos Infantojuvenis (39), também conversou com o site Lunetas sobre o caso, especificamente sobre o que a

decisão da escola de retirar o livro da lista de leituras, representa para a formação crítica que a instituição fomenta.

“Estamos testemunhando a censura da literatura infantil em um ritmo frenético. (...) Algumas famílias com visões de mundo restritas e posicionamentos políticos extremistas vêm pressionando instituições de ensino para censurar obras literárias já consagradas, que são lidas há décadas e que se propõem a lançar reflexões sobre épocas incontestáveis da nossa história”. (40)

Para ela, o atual cenário se deve em grande parte ao conservadorismo que se instalou na sociedade, e tem como objetivo restringir manifestações artísticas nas suas diversas linguagens. “No que se refere especificamente à literatura infantil e à juvenil, esse tipo de atitude autoritária é um reflexo da falta de leitura e de análise crítica”, diz a agente literária, reforçando a importância de os pais lerem junto com os filhos e se apoderarem do conteúdo a que eles têm acesso. (41)

A editora afirma que uma escola conceituada, conhecida por oferecer ensino de qualidade e ter os primeiros lugares no ranking do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), não deveria censurar uma obra literária sem promover um debate com os estudantes e seus responsáveis. Assim, ela chama a atenção para o que um caso como este simboliza:

“que educação queremos oferecer? Qual o significado de tornar público um debate como este? Qual o papel dos pais e dos educadores nessa história? (...) Não é assim que se educam nem se formam cidadãos críticos capazes de transformar a realidade à nossa volta (...) acredito também que a leitura dessa obra seja parte de um projeto pedagógico mais amplo, integrado a outras disciplinas e discussões, fazendo um elo, por exemplo, com as aulas e os trabalhos de História. Se censuram o livro porque ele trata dos temas golpe militar e ditadura, esses conteúdos também serão banidos da grade curricular e das provas dessa disciplina?” (42)

O escritor diz que *Meninos sem Pátria* não toma partido político, mas relata um momento histórico. “Eu lamento o ocorrido, pois esse livro é muito adotado nas escolas há mais de 30 anos, tanto que é o quarto mais vendido da série Vagalume. E, agora, alguns pais se sentiram incomodados. Eles falaram que aquilo era uma doutrinação comunista”. Para Puntel, essas reclamações aconteceram por causa da atual polarização política no Brasil. “Vivemos um momento em que você vê inimigos

em todos os lugares. Até hoje eu nunca tinha tido problemas com a história, em todo o Brasil. Curiosamente, desta vez houve esse caso. Enquanto alguns disseram ser doutrinação comunista, outros viram o ato como censura”, finaliza o escritor.(43)

“Pode ir armando o coreto
Preparando aquele feijão preto
Que eu tô voltando...
Põe meia dúzia de Brahma pra gelar
Muda a roupa de cama
Eu tô voltando...”

Convidado a cantar, recusei. Fechei os olhos, fingindo dor-
Foi a maneira que arrumei para que ninguém percebesse
eu estava chorando.

“Lembro-me do tempo do exílio, quando a saudade
era do Brasil como um todo. O Brasil me faltava [...].
Era preciso reaprender o Brasil.”

(Paulo Freire)

4.3. NOSSA BOLSA JAMAIS SERÁ AMARELA!

A *Bolsa Amarela*, da escritora Lygia Bojunga Nunes, é considerada uma referência na literatura infanto-juvenil brasileira. A obra narra a história de uma menina chamada Raquel, que entra em conflito com os elementos de seu mundo ao reprimir três grandes vontades: a de crescer, a de ser menino e a de ser escritora. Reprimida pela família, ela esconde suas vontades em uma bolsa amarela e a partir dela descobre amigos que a ajudam a encontrar um novo jeito de estar no mundo. (44)

Publicada pela primeira vez em 1976 (em um país marcado pela ditadura, repressão e censura), a obra de Lygia Bojunga envolve leitores com uma história na qual a aventura tem prioridade, mas que também discute o contexto social da época.

A autora também escreveu *A Casa da Madrinha*, *Corda Bamba*, *O Sofá Estampado* e muitos outros. Em cada narrativa, suas personagens fazem os leitores irem das gargalhadas à reflexão sobre o mundo. Há muitos valores que surgem das tramas engenhosas e divertidas, e as possíveis ‘soluções’ das histórias são geralmente pacificadoras, destacando a amizade, a procura da verdade, a compaixão e a superação das dores. Não há, propriamente lições de moral, como em fábulas

tradicionais, mas existe uma valorização da autenticidade e da busca pela identidade individual. (45)

Isso tudo aparece em *A Bolsa Amarela*, em que a protagonista Raquel procura esconder, numa bolsa que ganhou de uma tia, seus maiores desejos, que têm a mania de engordar, quando a vida dela lhe nega compreensão. Os maiores desejos – ser menino, ser gente grande e ser escritora – muitas vezes, de tão gordos, ameaçam sair da bolsa – e é um trabalhão contê-los. E essas vontades vão engordando quando ela se frustra com atitudes dos pais e irmãos que não lhe dão atenção.”

“Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever. Já fiz tudo pra me livrar delas. Adiantou? Humm! é só me distrair um pouco e uma aparece logo. Ontem mesmo eu tava jantando e de repente pensei: puxa vida, falta tanto ano pra eu ser grande. Pronto: a vontade de crescer desatou a engordar, tive que sair correndo pra ninguém ver. (...) “Mas foi só no mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também. A coisa começou assim: Um dia fiquei pensando o que é que eu ia ser mais tarde. Resolvi que ia ser escritora. Então já fui fingindo que era. Só pra treinar. Comecei escrevendo umas cartas” (NUNES, p.11)

Com essa falta de atenção da família Raquel cria um mundo paralelo entre a realidade e a imaginação colocando em pratica a escrita. (a vontade de ser escritora).

Ela começou escrevendo para um imaginário chamado André onde desabafou todas as suas frustrações e incompreensões com a sua família.

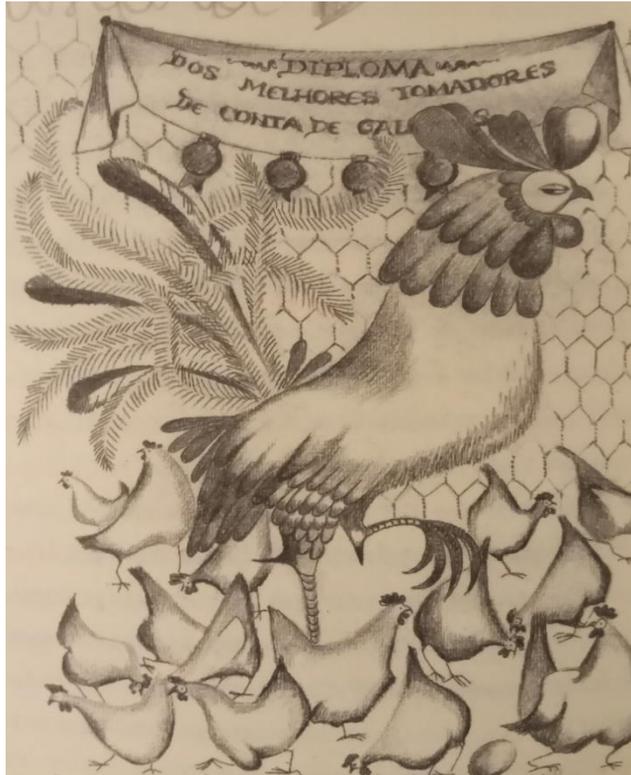
“Eu estava tão ligada na carta do André que nem tinha visto o meu irmão atrás de mim lendo também. Ele arrancou a carta: - Quem é o André? - Ninguém. O André é inventado. (...) Eu tenho mania de juntar nome que eu gosto, sabe? E eu gosto um bocado de André. Aí, quando foi no outro dia, eu estava sem ninguém pra bater papo e então inventei um garoto pro nome. Um garoto legal: dois anos mais velho que eu, cabelo e olho preto, e pensando assim igual a mim. Aí comecei a escrever pra ele.” (NUNES, p. 15)

É neste trecho específico que reside o alvo da polêmica mal fundamentada. Tudo consiste no momento em que a menina afirma desejar ter nascido garoto, justamente por

perceber essas prioridades à esfera masculina na sociedade, que constitui uma condição machista estrutural.

Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina...Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. (...) E por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga? - Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher. Ele me olhou bem sério. De repente riu: - No duro? -É, sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo o mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo o mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que - puxa vida! - vocês é que vão ter tudo. Até pra resolver casamento - então eu não vejo? - a gente fica esperando vocês decidirem. A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina". (NUNES, p. 16)

O que seria uma brincadeira de garoto para sociedade machista e pelos discursos enfatizados pelas pessoas ao redor de Raquel, acaba se transformando no rompimento simbólico de ser mulher livre, para poder brincar qualquer brincadeira, de poder escrever e ser escritora, de aproveitar a infância e o mais importante: ser menina. A pipa, que atormentava tanto a vontade de Raquel, se torna a grande metáfora da liberdade.



Fica-se imaginando qual o repertório e os pressupostos do vereador do interior de SP quando disse que essa história insuflaria a rebeldia ou a luta dos gêneros? Isso

é mais uma prova de não ter realizado a leitura além das primeiras páginas do livro. O que parece é que o sujeito interrompeu sua leitura na segunda página ao ver que um dos desejos de Raquel era ser menino. Pronto! Não foi preciso ir além, o juízo já estava construído

A obra de Lygia Bojunga Nunes convida qualquer leitor (independentemente da idade) a entender o mundo pela imaginação. Mostra a vida de seus personagens com um longo caminho a ser percorrido, com muito leveza e emoção, e também com tristeza e perdas. Lida com o material humano de forma impecável. Assim, os leitores vão se identificando com os personagens, num processo de leitura que vai do passional para o racional.

Querer enxergar a tal 'ideologia de gênero' (que de fato nem existe) em sua obra é expor demais a própria ignorância. Atualmente parece que exibir a ignorância gera um certo status nas redes sociais, principalmente. Esse tipo de crítica infundada é ideologizar o livro reversamente, negar o que o texto pode oferecer de mais significativo e artístico.

Nos últimos anos, inclusive, a autora tem escrito, dirigindo-se a leitores maiores, sem nunca perder a qualidade da narrativa, a rica construção das personagens, o gosto pelo melhor coloquialismo. Em decorrência disso, ela tem a obra espalhada pelo mundo, traduzida para as mais diversas línguas (inclusive catalão, norueguês, finlandês, sueco, alemão...), publicadas nos países que mais valorizam a literatura para crianças e jovens e mais cuidam da leitura como bem para todos.

Também ganhou prêmios importantes da literatura para crianças e jovens, tanto no Brasil quanto no exterior, como o Jabuti, o (extinto) INL e o FNLIJ. Foi a primeira autora brasileira a receber o Prêmio Hans Christian Andersen e o Astrid Lindgren. Suas histórias também foram dramatizadas para linguagem de rádio e teatral, assim como adaptadas para cinema e vídeo experimental. (46)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todas essas questões, a literatura infanto-juvenil precisa se fortalecer e tornar-se cada vez mais necessária para contribuir para a formação das crianças e dos jovens e principalmente pelos seus pais/adultos. Que a leitura possa ser um ato coletivo, em família. Que os pais possam fazer o papel de mediadores das leituras e não de censores.

Deveria ser um compromisso de todo autor levar as questões sociais e psicológicas para a literatura infanto-juvenil, temas emergentes como a problematização do preconceito contra a mulher, contra a xenofobia, contra a cultura, contra a história e contra a ciência. Não podemos cultivar uma geração de negacionistas de tudo: dos desejos, das sexualidades, das diferenças, dos fatos históricos e científicos.

Foi possível constatar que nas narrativas evidenciadas, há uma luta constante contra as diferenças entre os gêneros, que mostra para os meninos como é injusta essa relação de privilégio sobre as meninas; uma luta contra a discriminação étnica e cultural, assim como também procuram esclarecer os conhecimentos sobre o período ditatorial no país e alertar as crianças para os equívocos existentes entre espírito de Natal e cultura do consumo.

Para aulas de português e literatura, é possível depreender vários temas dessas narrativas para debate e posterior produção textual como: a condição feminina, os direitos femininos, a liberdade de expressão (que não é a mesma coisa do que pedir liberdade para mentir e criar *Fake News*), o exercício da generosidade e da solidariedade.

A censura dos livros nestes contextos escolares só serviu pra mostrar uma sociedade doente, desinformada e reprimida. Expôs também a ignorância de pais que pagam escolas particulares pra seus filhos e que desconhecem seu verdadeiro compromisso participativo na escola, confundindo-o com maniqueísmo. Principalmente esses fenômenos mostraram que essas mentalidades estão completamente afetadas por uma onda partidária (mas que na realidade nem têm proposta de ações políticas) conservadora, fruto do que predomina no governo desde o golpe de 2016.

Espera-se, portanto, pela lucidez e por uma postura mais sadia de pais, estudantes e educadores. Aguarda-se a ajuda de especialistas em literatura para que

contribuam com o esclarecimento dessas questões, na mediação dessas relações entre texto, escola, mídia (público) e crítica. E que a circulação das obras seja livre, sem nenhum tipo de censura, para que novas gerações tenham o direito e a alegria de lerem o que quiserem, sem restrição.

5. REFERÊNCIAS

- 1 - www.politize.com.br/ideologia-de-genero-questao-de-genero
- 2 - idem
- 3 – idem
- 4 – idem
- 5 – idem
- 6 – www.politize-se.com.br/lgbtfobia/brasil-fatos-numeros-polemicas
- 7 – Idem
- 8 – Idem
- 9 – Idem
- 10 – www.pt.unesco.org/fieldoffice/brasilia/projects
- 11 – Idem
- 12 – Idem
- 13 – www.politize.com.br/ideologia-de-genero-questao-de-genero/
- 14 – Idem
- 15 – Idem
- 16 – Idem
- 17 – Idem
- 18 – SPINDEL, Arnaldo. *O que é Comunismo*. 18ª edição. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.4.
- 19 – Idem, Op. Cit., p. 5.
- 20 – www.metropoles.com/distrito-federal/educacao-df/pais-reclamam-e-escola-tira-livro-do-deputado-chico-alencar-de-lista
- 21 – Idem
- 22 - www.facebook.com/chicoalencar/videos/livros-vetados-tempos-sombrios/2142514939129630/
- 23 – <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/educacao/escola-de-brasil-exclui-livro-natalino-de-chico-alencar-do-curriculo-apos-pessao-dos-pais/>
- 24 – Idem
- 25 – <https://gramaticaecognicao.com/a-semente-do-nicolau>
- 26 – ALENCAR, Chico. *A Semente do Nicolau – um conto de Natal*. 2ª edição. São Paulo: Ed, Moderna, 2002, p.3-4.
- 27 – Idem, Op. Cit. p. 22.

28 – Idem

29 – Idem

30 – PUNTEL, Luiz. *Meninos Sem Pátria*. Série Vaga-Lume. 10ª edição. São Paulo: Ática, 1995, p. 25.

31 - <https://veja.abril.com.br/brasil/escola-catolica-do-rio-censura-livro-acusado-de-ser-de-esquerda/>

32 – <https://lunetas.com.br/livro-meninos-sem-patria/#:~:text=O%20escritor%20Luiz%20Puntel%20escreveu,hist%C3%B3ria%20uma%20apologia%20ao%20comunismo>

33 – <https://lunetas.com.br/ana-maria-machado/>

34 – <https://lunetas.com.br/livro-meninos-sem-patria/#:~:text=O%20escritor%20Luiz%20Puntel%20escreveu,hist%C3%B3ria%20uma%20apologia%20ao%20comunismo>

35 – Idem

36 – www.csa.com.br

37 – Idem

38 – Idem

39 - www.facebook.com/pipaagencialiteraria.com.br/

40 – Idem

41 – <https://lunetas.com.br/livro-meninos-sem-patria/#:~:text=O%20escritor%20Luiz%20Puntel%20escreveu,hist%C3%B3ria%20uma%20apologia%20ao%20comunismo>

42 – Idem

43 - <https://www.revive.com.br/noticias/educacao/apos-polemica-sobre-ideologia-politica-puntel-esclarece-mal-entendido/>

44 - <https://contaumahistoria.com.br/2019/08/a-absurda-censura-a-lygia-bojunga-nunes-e-sua-bolsa-amarela/>

45 – Idem

46 – <https://www.gazetainfo.com.br/.../livro-distribuido-na-rede-m...>

6. BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Chico. *A Semente do Nicolau – um conto de Natal*. 2ª edição. São Paulo: Ed, Moderna, 2002.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1980.
- CADERMATORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo:Brasiliense,1987.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ática,1981.
- NUNES, Lygia Bojunga. *A Bolsa Amarela*. 32ª ed. 6ª impr. - Rio de Janeiro: Agir, 2001.
- PUNTEL, Luiz. *Meninos Sem Pátria*. Série Vaga-Lume. 10ª edição. São Paulo: Ática, 1995.
- SILVA, Ezequiel T. da. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Papyrus,1986.
- _____. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto,1983.
- SPINDEL, Arnaldo. *O que é Comunismo*. 18ª edição. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*.11.ed.rev.ampl. São Paulo:Global,2003.
- ZILBERMAN, Regina (Org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto,1984.